

# Entre espelhos vazios: subjetividades em risco<sup>1</sup>

Maria Cristina Perdomo<sup>2</sup>

**B**om dia a todas e todos. Gostaria de começar esta fala não com um conceito, mas com uma imagem. Imaginemos um espelho diante do qual um adolescente se posta — muitas vezes silenciosamente, às vezes com desespero — em busca de uma imagem que diga: “sou eu”. Diante do espelho, esse adolescente procura um contorno, um reflexo que lhe traga uma unidade. Imaginemos, então, um espelho — não qualquer espelho, mas um espelho que não reflete. Um espelho opaco, que recusa a imagem. O reflexo é difuso, fragmentado ou ausente.

A imagem do espelho se impõe com força quando tentamos falar da adolescência. O que ocorre quando esse espelho não devolve um rosto, um contorno, uma promessa de unidade? A imagem especular deveria oferecer uma superfície de reconhecimento, mas o espelho vazio não apenas falha em devolver uma imagem, ele silencia o próprio **desejo de ver-se sendo**.

O que vemos, com cada vez mais frequência, são adolescentes diante de espelhos vazios, buscando sinais de si e encontrando apenas o eco de uma ausência. É nesse cenário que entramos na metáfora da crise contemporânea

---

1 Conferência proferida na 3ª Jornada do Núcleo de Puberdade e Adolescência: Solidão na adolescência da Constructo Instituição Psicanalítica, no dia 07 de junho, na modalidade on-line.

2 Psicóloga pela Universidade Nacional de La Plata (Argentina), psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo, especialização em Psicologia Hospitalar e Intervenção Multidisciplinar (Hosp. S. J de Dios de La Plata). Professora e supervisora do curso de formação em psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (SP), e foi professora e supervisora do Centro de Psicanálise de Campinas entre 1990 e 1993.

de subjetivação, na qual a solidão se desenha como território — ambíguo, fértil e perigoso — ; uma experiência de solidão constitutiva, com sua dupla face: fecunda e devastadora.

É neste ponto que desejo situar nossa conversa: uma reflexão sobre os riscos psíquicos na adolescência contemporânea, articulando os pensamentos de Moustapha Safouan, Silvia Bleichmar e Joel Birman, autores que nos ajudam a pensar a subjetividade em tempos de colapso simbólico.

## **A travessia e suas metamorfoses**

Como sabemos, a adolescência é um tempo de travessia. E toda travessia implica riscos. É o momento das metamorfoses: metamorfose do corpo, das identificações, das pulsões. Uma travessia marcada por lutos fundamentais — o luto do corpo infantil, das identificações primeiras, da onipotência narcísica. O corpo muda de cheiro, de forma, de intensidade, de desejo. Temos, agora, um corpo que não responde mais aos velhos comandos da infância e que pode tornar-se estranho ao próprio sujeito se este não possuir os recursos simbólicos, ferramentas imprescindíveis, para dele se apropriar.

Como aponta Joel Birman, “esse corpo passa a ser um campo de batalha entre pulsão e linguagem”. E onde a linguagem falha como suporte de nomeação, o corpo pode tornar-se campo de escrita em ato — nos cortes, nas restrições alimentares, no abuso de substâncias. Formas desesperadas de inscrever alguma marca quando o simbólico claudica.

Nesse processo, o adolescente está em uma intensa procura: de si, de outros, de ideais. Estabelece novas identificações e revisa suas identificações já inscritas, as **identificações primárias**, as identificações da infância, as identificações pré-edípicas e as edípicas que, até aqui, guiaram seu vir a ser.

Agora, essas identificações são colocadas em xeque, em confronto, em revisão, em perspectiva ou em conformidade para construir uma identidade que acalme a turbulência, o excesso.

Sabemos que o excesso, para deixar de sê-lo, precisa de nomeação. Nessa tarefa, como nos disse Freud, “o infantil sujeito pede emprestada sua força ao pai”, pois ele não tem recursos para essa nomeação. Mas o que acontece quando essa força simbólica, que faria anteparo ao excesso, não está mais disponível?

## **O colapso do simbólico e o mundo pós-edípico**

Moustapha Safouan descreve com precisão esse enfraquecimento da autoridade simbólica na modernidade. Para ele, vivemos um mundo pós-edípico, onde a função do pai — entendida como operador simbólico que introduz a lei e a diferença — encontra-se profundamente abalada. A referência ao Pai aqui é simbólica: uma função que estabelece limites, interditos e a possibilidade de desejar para além do gozo imediato. Mas esse representante da lei não mais proíbe em nome de um ideal simbólico, mas interdita a partir do medo e da insegurança na qual ele (adulto) está enredado. Não há transmissão de perspectiva de futuro, e o presente é incerto.

O interdito já não orienta o desejo; apenas o paralisa.

Nesse silêncio simbólico, instala-se um excesso de vozes ruidosas, simultâneas, que gritam sem convocar, seduzem sem prometer inscrição.

Sem essa mediação, os jovens se deparam com uma experiência de abandono: não há mais um Outro que os introduza na ordem do desejo, da alteridade, do laço. O espelho já não devolve uma imagem sustentada pelo olhar firme do outro, mas apenas reflexos fragmentados ou simulacros narcísicos de um olhar claudicante.

Silvia Bleichmar nos oferece uma distinção fundamental para compreender o que está em jogo. Em “**Produção de subjetividade – Constituição do psiquismo**” (2004), ela diferencia dois momentos fundamentais e distintos do processo psíquico: com **constituição** do psiquismo, refere-se aos processos primários de humanização e inscrição das marcas que abrem o espaço psíquico; com a **produção** de subjetividade, refere-se às formas como esse psiquismo, já constituído, articula-se com os discursos sociais, com a história singular, com os atravessamentos culturais.

Como precisa a autora, “a subjetividade é da ordem político/histórica. Tem a ver com as formas em que cada sociedade define os critérios que demarcam as possibilidades de construção de sujeitos”.

## **A solidão como território de risco**

Essa distinção entre constituição do psiquismo e produção de subjetividade é fundamental quando pensamos a adolescência. **A subjetividade é produzida.** É no adolescer que se atualiza, de forma radical, a produção de subjetividade: o adolescente precisa reinventar seu lugar no mundo, construir novas identificações, articular-se com os ideais que circulam em sua cultura, articular-se com seu próprio ideal como instância psíquica que constitui parte desse entramado tópico.

Se o Ideal se aloja no Supereu, a identidade tem como sede o Eu.

A identidade na juventude é moldada por dois fatores principais: a história desejanste, libidinal, e o discurso social político/histórico.

Cada sociedade, cada época histórica define modelos e valores que os sujeitos internalizam. Portanto, esses modelos são cambiantes e mutáveis ao longo dos tempos.

A história desejante nos leva a caminhos extremamente particulares do sujeito. É o que nos conduz à singularidade, aos movimentos do desejo, ao investimento libidinal dos objetos, aos vínculos, aos laços para com o outro humano.

É desta forma que vão se demarcando e tomando forma a identidade e a subjetividade, na qual um sujeito se reconhece “sendo”, mesmo que cambiante, em permanência. Há uma continuidade na qual me reconheço mutando.

Ser adolescente não é apenas uma fase, é um processo: processo de experimentação, processo de invenção, processo de reapropriação, processo de construção de uma forma de ser no mundo, de uma forma de estabelecer vínculos e levar adiante desejos.

Há potência nesse cenário, o adolescente é um ser em invenção. Ele pode se tornar o autor de sua história desde que encontre condições simbólicas mínimas para fazê-lo. A criatividade, a transgressão e a irreverência são formas legítimas de subjetivação, mas podem ser capturadas por lógicas destrutivas.

Cabe a nós, adultos, oferecer espaços de escuta que não sejam meramente normativos. Que sejam espaços que acolhem o inédito, o estranho, o novo e o errante.

Silvia Bleichmar nos aponta que “juventude” e identidade são dois termos que caminham juntos. Eles esboçam, desenham um contorno, para nos tornar o que somos, através de uma rede complexa de influências libidinais e sócio-históricas.

Mas essas influências sócio-históricas somente podem se inscrever no psiquismo por vias libidinais. No texto “As formas da realidade”, fica bem sublinhado que a realidade exterior se inscreve por linhas de força libidinal.

Já dissemos que a adolescência é uma travessia, mas não há cartografia definida para seu atravessamento.

Françoise Dolto já afirmava que a adolescência é marcada por uma solidão irreduzível — o adolescente está só para fazer a travessia.

Agora, é importante distinguir a solidão como condição existencial da solidão como experiência de desamparo. Quando encontramos um Outro disponível simbolicamente, essa solidão pode ser espaço de criação, de invenção, de diferenciação. Quando não o encontramos, a solidão se transforma em abismo: um desamparo psíquico que ameaça a própria possibilidade de subjetivação.

*Assim fala Gabriela, que está no último ano do colegial: “Sou nada, sou péssima, sou só escombros. Me odeio por isso, e dói me odiar. Me machuco. Não tomo posições – se gosto ou não gosto – e isso não é indecisão. E quando sei o que quero não tenho coragem. Sou um poço de energia negativa.”*

E se o mundo que é oferecido ao adolescente é um mundo desencantado, marcado por um “mal-estar generalizado da esperança”, um poço de energia negativa, então a subjetividade que se produz estará marcada por esse desamparo, por esse esvaziamento do desejo.

## **O sofrimento ético-difuso e o corpo como campo de batalha**

Joel Birman traz contribuições fundamentais ao pensar essas novas formas de sofrimento. Para ele, vivemos uma era marcada por padecimentos que escapam às estruturas clínicas clássicas. Ele fala de um “sofrimento ético-difuso”: um mal-estar sem nome, sem causa precisa, que se apresenta como estados de vazio, apatia, impulsividade e sensação de insignificância.

“A subjetividade contemporânea”, escreve Birman, “está marcada por um excesso de presentificação que desfaz os projetos de futuro” (2006, p. 87). Trata-se de uma subjetividade que já não pode contar com uma gramática simbólica estável para nomear suas experiências, o que produz uma vivência de não-pertencimento e de abandono radical.

O que vemos nos consultórios são jovens que não conseguem nem mesmo nomear seu sofrimento.

**Rafael, 16 anos**, chega após um episódio de intoxicação alcoólica. Silencioso, diz apenas: “Não quero morrer, mas também não vejo muito motivo para estar vivo”. Não há sintoma no sentido clássico — há um ato que aponta para um vazio de linguagem, de representação, de laço.

**Juliana, 17**, relata crises de ansiedade intensificadas pelas redes sociais: “Parece que todo mundo vive melhor do que eu”. Sua angústia não é apenas efeito da comparação — é fruto de uma subjetividade que se constrói a partir da exterioridade, do olhar de um outro invisível, intangível, mas não encontra espessura simbólica para sustentar-se. É a presentificação em excesso, sem continuidade, sem futuro. É o instante do *like*.

## As redes sociais e a multiplicação dos espelhos vazios

As redes sociais funcionam como dispositivos profundamente ambíguos nesse cenário. Por um lado, elas oferecem reconhecimento imediato, pertencimento, formas de expressão; por outro, instauram um imperativo de visibilidade e performance que empobrece a experiência subjetiva.

O sujeito é convocado a mostrar-se continuamente, mas esse mostrar-se é vazio de alteridade real. O olhar do Outro se transforma em *like*, em

algoritmo, em resposta instantânea — sem escuta, sem elaboração, sem tempo. E sobretudo sem rostos que representem um outro “alguém”: um alguém histórico, de laços, de afetos, de nomes.

O espelho agora não é apenas vazio: ele é multiplicado ao infinito, como nas salas de espelhos, onde toda imagem é distorcida a ponto de tornar-se irreconhecível. A multiplicidade não permite a unificação que o Eu procura e de que necessita.

## O processo identificatório em crise

Bleichmar nos lembra que o processo identificatório na adolescência é, por excelência, uma reconstrução das identificações primárias. Trata-se de revisitar, ressignificar e reposicionar-se diante das imagens parentais e sociais. Mas essa operação só é possível se houver espaço simbólico para o conflito.

“As identificações”, diz ela, “supõem um trabalho psíquico sobre os traços herdados e os traços escolhidos. Quando não há possibilidade de escolha, o sujeito se vê alienado, preso a imagens que não pode elaborar, nem recusar. É o risco da conformação sem subjetividade” (2004, p. 28).

É aí que a clínica pode recuperar seu lugar ético, não como espaço de normalização ou adaptação, mas como o território em que sofrimento possa se simbolizar e onde a diferença subjetiva possa encontrar reconhecimento.

Como aponta Bleichmar: “Para que o adolescente possa se subjetivar, precisa ser reconhecido na sua diferença. E isso implica **um outro capaz de escutar**, e não apenas de responder com normas” (*A identificação na adolescência*, 1997).

Bleichmar nos convoca a resgatar uma psicanálise comprometida com o sujeito em sua produção de subjetividade, marcada pela articulação entre marcas infantis e injunções do presente, entre estrutura e história.

O adolescente busca e precisa de reconhecimento. Ele o procura por dois caminhos: conformidade ou distinção. Ser como os outros garante pertencimento; ser diferente, identidade. Mas ambas as vias estão fragilizadas quando o Outro social não legitima nem o pertencimento nem a diferença. A conformidade se esvazia em performances normativas; a distinção vira transgressão sem projeto.

Perante essa identidade cambaleante, aparecem as marcas no corpo como parafusos que seguram uma estrutura ameaçada, construída a duras penas.

## **A clínica como espaço de resistência**

É nesse cenário que a clínica se torna um espaço de resistência. Resistência no sentido de criar, mesmo que precariamente, as condições para que o sujeito possa construir uma narrativa que o inclua, um destino que não seja mera repetição de fracassos.

A escuta analítica se apresenta como um gesto simultaneamente ético e político: ético porque implica escutar o sujeito onde ele ainda não sabe dizer-se; político porque supõe resistir à patologização generalizada do mal-estar adolescente. A clínica com adolescentes não pode reduzir-se a administrar sintomas — ela é convocada a sustentar o vazio sem preenchê-lo, a oferecer presença simbólica ali onde o Outro falhou.

Como escreve Birman, “a clínica psicanalítica se torna um espaço de invenção de linguagem, de produção de sentido, de reconstrução de temporalidades” (2012, p. 74). Entre espelhos vazios, o analista é chamado a testemunhar

a construção de uma superfície de inscrição — não para preenchê-la rapidamente com imagens/modelos prontos, mas para sustentar o tempo da espera, do não-saber, da travessia.

## **Entre o vazio e a criação**

A adolescência, nesse quadro, é menos uma fase do desenvolvimento e mais um campo de batalhas subjetivas. Um campo em que se decide não apenas quem o sujeito será, mas **se** ele poderá ser. O desafio não é adaptar os adolescentes a um mundo precário, mas interrogar essa precariedade a partir do sofrimento que ela produz. Assim, o “sintoma adolescente” resiste e denuncia a falha da tecitura homogênea na qual querem aprisioná-lo.

Como diz Bleichmar (2004, p. 41), a subjetividade se constrói a partir da articulação entre o já vivido e aquilo que ainda pode ser esperado. Mas, para isso, é necessário sonhar um futuro. Se não há espaço simbólico para o porvir, o presente se torna insuportável.

O que está em jogo, no fim das contas, não é apenas o futuro do adolescente, mas o futuro como tal — enquanto lugar simbólico de promessa.

Concluo voltando ao espelho: talvez não seja possível devolver ao jovem de hoje um espelho pleno, cristalino, como prometia o ideário moderno. Mas talvez possamos oferecer um espelho trincado, que ao menos devolva algo de si, algo em que possa se reconhecer e, a partir daí, inventar-se e projetar-se na construção de um vir-a-ser.

O espelho, afinal, não precisa estar cheio para que o sujeito se veja — basta que haja alguém que diga: “estou aqui para escutar o que ainda não tem imagem, mas tem voz”.

Entre o vazio e a criação, entre a solidão e o laço, a adolescência continua sendo essa travessia — frágil, perigosa, mas necessária e inevitável — em direção a si mesmo. E talvez a maior tarefa, tanto da clínica quanto da cultura, seja justamente sustentar a solidão como espaço criativo, sem negar que ela também é espaço de angústia e de medo.

Muito obrigada.

## Referências

Birman, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Bleichmar, S. *Constitución del psiquismo – Construcción de subjetividad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2005.

Dolto, F. *A causa das crianças*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Hornstein, L. Por conformidad o por distinción. *Página/12*, Buenos Aires, 2006.

Safouan, M. *A palavra ou a morte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Safouan, M. *Por uma ética do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Déborah Jasmine da Silva Dalcol**

**Maria Cristina Perdomo**

Rua João Moura, 627/4

05412-001 — São Paulo – SP

perdomocristina@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise